

A GERAÇÃO DOS NOVOS NA BIBLIOTECA DE SALIM MIGUEL E EGLÊ MALHEIROS

■ NATAN SCHMITZ KREMER

<https://orcid.org/0000-0002-6085-5057>

Universidade Federal de Santa Catarina

■ ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

<https://orcid.org/0000-0003-4194-3876>

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

A *Revista Sul* foi um periódico modernista publicado em Florianópolis entre 1948 e 1957. Nele, encontramos a coluna Recebemos e Agradecemos, a qual listava impressos enviados à Caixa Postal nº 384. Estes circularam entre membros de Sul, formando bibliotecas particulares, como a do casal Salim Miguel e Eglê Malheiros, hoje sob cuidados da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É a esse acervo que nos dedicamos, perguntando o que guarda de certa literatura brasileira produzida pós-1945. Nele, além de livros enviados por autores estreados de cidades periféricas que se modernizavam, há também a correspondência entre esses novos escritores e recortes com críticas aos seus livros. Como registro objetivo, essa biblioteca mostra uma cena literária que se desenvolvia em momento no qual a imprensa nacional ainda não estava centralizada, possibilitando a emergência de selos editoriais regionais. Como registro subjetivo, os documentos mostram mecanismos de legitimação de escritores que se firmavam nas periferias, processo divergente do que ficou conhecido como geração de 1945 e a que estamos chamando de geração dos novos.

Palavras-chave: Revista Sul. Salim Miguel. Eglê Malheiros. Periferia. Geração dos novos.

ABSTRACT

THE YOUNG GENERATION IN THE LIBRARY OF SALIM MIGUEL AND EGLÊ MALHEIROS

Revista Sul was a modernist magazine published in Florianópolis, between 1948 and 1957. It had a section named Received with Thanksgiving, which listed books, which had been sent to Postbox 384. These books had different faiths among the members of the South,

becoming part of private libraries, such as the couple Salim Miguel and Eglê Malheiros, a library curated by the State University of Santa Catarina (UDESC). This collection is the subject of this paper, in that we ask about the presence of the Brazilian literature after 1945. In addition, it has books sent by new writers of peripheral cities in process of modernizing, and a correspondence between these new writers and clippings with criticisms of their books. This library shows a literary scene that was developing when the national press was not yet centralized, enabling the emergence of regional editorial labels. The documents show also the mechanisms toward the legitimation of writers who established themselves in the peripheries, a process that differs from what became known as the 1945-generation and what we call the young generation.

Keywords: Revista Sul. Salim Miguel. Eglê Malheiros. Periphery. Young Generation.

RESUMEN

LA GENERACIÓN DE LOS JÓVENES EN LA BIBLIOTECA DE SALIM MIGUEL Y EGLÊ MALHEIROS

La *Revista Sul* fue una publicación modernista de Florianópolis entre los años 1948 e 1957. Ella tenía una columna llamada *Recebemos e Agradecemos* en la cual se listaban impresos enviados a la revista. Esos circulaban entre los miembros de Sul, formando bibliotecas personales, como la de la pareja Salim Miguel y Eglê Malheiros, hoy bajo la guarda de la Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Es a este archivo que nos dedicamos, preguntando lo que presenta de una literatura brasileña producida post-1945. En ello, aparte de libros de nuevos autores de ciudades periféricas que se modernizaban, hay también la correspondencia entre esos nuevos escritores y notas periodísticas con críticas a sus libros. Como registro objetivo, la biblioteca presenta una escena literaria que se desarrollaba en un momento en que la prensa nacional todavía no estaba centralizada, posibilitando la emergencia de nuevas editoras regionales. Como registro subjetivo, los documentos presentan los mecanismos de legitimación de escritores periféricos, proceso distinto del que hoy se conoce como generación del 1945 y a que llamamos generación de los jóvenes.

Palabras clave: Revista Sul. Salim Miguel. Eglê Malheiros. Periferia. Generación de los jóvenes.

O modernismo periférico de *Sul*¹

O *Grupo Sul* foi uma articulação literária na Florianópolis de meados do século XX. Preocupados com questões de vanguarda, jovens aspirantes a escritores desenvolveram uma estética modernista em oposição aos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e ao parnasianismo da Academia Catarinense de Letras. O movimento teve como principal veículo a *Revista Sul*, com 30 números lançados entre 1948 e 1957, nos quais observamos a presença de temas caros à vida intelectual da época: a psicanálise, o existencialismo, as pautas do Partido Comunista.

Sul não era um periódico didático. Embora nos primeiros números encontremos reproduções de clichês, o foco na produção autoral inédita domina seu conteúdo. Ao impresso, juntaram-se duas séries editoriais, *Cadernos Sul* e *Edições Sul*, nas quais foram publicadas obras mais extensas em teatro, crítica, ensaio, poesia, conto, romance. Nesses volumes, encontram-se questões que amalgamavam a modernização de Florianópolis, sua estrutura urbana e a nova sensibilidade demandada aos sujeitos.

Esta literatura respondia às experiências de modernização de Florianópolis, porém, a leitura da revista em seu conjunto mostra o processo de abertura no qual outros escritores estreatantes, de cidades brasileiras que se encontravam cada uma em seu *boom* modernizador, passaram a publicar em *Sul*. Colocase a articulação de uma nova literatura que se desenvolvia nas periferias nacionais e encontrava entre os próprios grupos estreatantes a possibilidade de circulação e divulgação, tanto de seus textos, que passavam a ser publica-

dos em outras revistas, quanto destas revistas como objetos materiais, além das séries editoriais nas quais publicaram obras de maior fôlego.

Em *Sul*, encontramos dois dossiês que se referem a momentos de encontros entre intelectuais periféricos: um sobre o IV Congresso Brasileiro de Escritores, em Porto Alegre (*Sul*-15, março de 1952); outro sobre o 1º Congresso Nacional de Intelectuais, em Goiânia (*Sul*-22, julho de 1954). Neste texto, não discutiremos a assistência aos eventos, tampouco suas diretrizes, senão o processo de circulação de impressos que marca a experiência modernista de *Sul*. Esse movimento ganha condições analíticas principalmente pela coluna *Recebemos e Agradecemos*, nas quais listavam livros enviados à Caixa Postal nº 384. Esses impressos passaram a compor bibliotecas pessoais a partir de afinidades dos membros de *Sul* com outros escritores estreatantes. A partir da biblioteca do casal Salim Miguel e Eglê Malheiros, expoentes do movimento, cotejamos os livros enviados à revista e que nela se encontram, hoje hospedada na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)². Na discussão, enfocamos três conjuntos de documentos: 1) dedicatórias nos livros que passaram a compô-la; 2) cartas enviadas à *Revista Sul*; 3) recortes de críticas às obras de Salim Miguel em diferentes impressos do país. A análise aponta duas linhas de argumentação: a primeira sobre o lugar de constituição do que estamos chamando de geração dos novos, uma articulação de intelectuais periféricos que, embora também publicassem especialmente pós-1945, não adentra no que hoje se conhece como esta fase modernista; a segunda, sobre o lugar de legitimação pessoal no plano das Letras, uma vez que se trata de produção periférica, publicada por editoras novas, mas que encontraram

1 O trabalho teve apoio do programa de pesquisa Teoria Crítica, Racionalidades e Educação V, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Auxílio pesquisa, Proc. nº 423773/2918-6; Bolsa de produtividade em pesquisa, Proc. nº 310115/2017-5.

2 Agradecemos à Iracy Borszsz e à Andreza Campos da Luz, bibliotecárias responsáveis pelo Acervo de Salim e Eglê, pela recepção e auxílio na coleta dos dados.

por meio do diálogo epistolar sua divulgação, abandonando a cena regional e assumindo um lugar nacional.

A geração dos novos

Já aos primeiros volumes de *Sul* escritores de outras cidades contribuíram com textos, processo que se acentua ao correr dos anos. Consequência dele, vemos surgir a coluna Recebemos e Agradecemos. Em seu segundo número, de fevereiro de 1948, lemos: “todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independente de crítica assinada, será registrado. Desejamos manter contato e permuta com outras publicações”. São estes os livros listados na coluna.

Sul não detinha sede para hospedar estes impressos; pelejas com a intelectualidade estabelecida da cidade pouco auxiliaria em que este arquivo adentrasse acervos públicos. O que começam a se formar são bibliotecas pessoais, uma delas é a do casal Salim Miguel e Eglê Malheiros, jovens modernistas que se casaram ainda nos anos de *Sul*, ambos seguindo nas Letras.

Nessa biblioteca, composta principalmente por obras literárias adquiridas – não herdadas –, encontramos as traduções lançadas pela Editora do Globo, a literatura brasileira de fins do XIX, prosa e poesia dos modernistas de 1922 e de 1930, além de clássicos portugueses e franceses. Em crônicas memorialísticas, Salim nos mostra algo de sua composição. Em 1951, recebeu de presente um livro do escritor carioca Marques Rebelo: “Certo dia, me chegava de Paris um livro, abro e a dedicatória diz tudo: ‘Caro Salim, não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa [...]. Mas tem um título que é do seu maior interesse... Carinhosamente, Rebelo, Paris, novembro de 1951’. O Título: Eglê.” (MIGUEL, 2008, p. 25) – o nome daquela com quem veio a se casar.

Salim, que no começo da década de 1950 era dono de uma pequena livraria, a Anita Garibaldi, pela qual importava livros diversos, escreve: “Ao desembargador Medeiros devo o conhecimento de boa parte da literatura francesa. Era eu sócio de uma pequena livraria; ele ia encomendar livros das principais editoras francesas; eu pensava, se fez a encomenda é porque tem que ser bom. Pedia dois – o que quase leva a livraria à falência” (MIGUEL, 2001, p. 65).

Não apenas da França vinham os livros, mas também do México; edições da Fondo de Cultura Económico eram vendidas na Anita Garibaldi. Naqueles anos, as leituras em espanhol eram vastas, consequência da amizade com escritores da Argentina e do Uruguai que lhe enviam impressos, assim como com a literatura portuguesa, que recebia de colegas de Angola e Moçambique (MIGUEL, 1998). Nesse mesmo período, o correr da década de 1950, em que o acervo se agranda com títulos de jovens autores brasileiros, é que temos na coluna Recebemos e Agradecemos possibilidade de análise.

Nessa biblioteca, além dos mais de nove mil títulos, encontramos outros documentos, como recortes de jornais com críticas aos seus livros, cartas, prêmios. Ao lermos a lista dos livros enviados à Caixa Postal nº 384, muitos lá se encontram. *Sul* como agrupamento intelectual, mais do que formar uma unidade estética, tinha como ponto de convergência a oposição à cena intelectual fechada da cidade em meados do século XX (KREMER; VAZ, 2018). Nesse sentido, encontramos livros de Blanca Terra Viera na Recebemos e Agradecemos, mas nenhum deles na biblioteca do casal. Os livros da poeta existencialista portenha passaram a formar, provavelmente, a biblioteca de Walmor Cardoso da Silva, escritor de *Sul* ao qual Blanca dedicara versos. Ou seja, existe na formação dessas bibliotecas algo que poderia ser pen-

sado à luz de Goethe (2014) e suas afinidades eletivas, aproximações pessoais marcadas por interesses racionais em torno de questões comuns. A biblioteca de Salim e Eglê, a única que veio a se tornar pública, hospeda uma fração dos documentos que compõem a integridade da experiência modernista de *Sul*, guardando com isso um núcleo de verdade sobre a empreitada. Nesta primeira parte, analisamos as dedicatórias dos livros enviados à *Sul* que se encontram no acervo.

Em livro listado em *Sul-9*, de agosto de 1949, Eduardo Campos, do Grupo *Clã*, de Fortaleza, escreve no roteiro de teatro *O Demônio e a Rosa*: “Para Eglê Malheiros, oferece o nortista de ‘Clã’”. O livro fora lançado em 1948 pelas *Edições Glé*, de Fortaleza. Também de *Clã*, José Escobar Faria oferece *Elegia do Exílio* (*Sul-17*, outubro de 1952) à poeta catarinense³:

A Eglê Malheiros, agradeço a oferta /// seu a ‘Manhã’, retribuindo – como é de costume entre a Clã – e com satisfação // pra poesia, esta mensagem /// de seu ///, com esta elegia do exílio, que bem mostra para espera dos homens e da vida, e que me parece o único caminho (a temática) /// pondo para o ///.

A dedicatória começa a apontar um intercâmbio de impressos entre autores estreados do Brasil de meados do século XX. Eglê, que enviara *Manhã*, publicado pela série *Cadernos Sul* em 1952, recebe o volume de José Escobar Faria, de *Clã*, como agradecimento.

O livro de Eduardo Campos havia saído por editora regional, a *Glé*. O de José Escobar Faria, por uma não identificada. Se buscarmos edições vinculadas ao Grupo *Clã*, encontramos outros livros na *Recebemos e Agradecemos*: de Eduardo Campos, *O Anjo* (1950) e *Medicina popular* (1951); *Livros e ideias* (1954), de Mozart Soriano Aderaldo; dedicado a Salim, Aluizio Medeiros envia, em 1956, *Crítica (segunda série, 1946-1948)*, também editado por *Clã*.

3 As barras referem a palavras não identificadas.

Esta relação entre *Sul* e *Clã* sugere questões que falam tanto de trocas entre grupos de novos, construindo uma projeção nacional de seus escritos, quanto de uma vida editorial regionalizada, em que percebemos que *Clã*, como *Sul*, constrói uma editora para publicar seus autores. A passagem começa a apontar uma vida intelectual que pode se consolidar regionalmente, com uma estrutura mais ou menos estabelecida para que se construam editoras que encontram meios próprios para divulgação e circulação de seus impressos.

Em *Sul-11* (maio de 1950), está listado *O Centauro*, compilado de poemas de Francisco Marcelo Cabral, lançado pela edição da *Revista Meia Pataca*, de Cataguases (MG), em 1949: “Para ‘Sul’, homenagem do F Cabral. MEIA PATACA aguarda colaborações”. E em bilhete anexo: “se quiserem colaboração, podem retirar do livro as que acharem viáveis: são, na grande maioria, não publicadas ainda”. Seu bilhete mostra algo das formas de publicação em *Sul*. Ele publicara em *Sul-7* (fevereiro de 1949) o poema “Serenata Romântica”. De seu livro, porém, não retiraram contribuição. O movimento mostra um autor conhecido da revista e que envia, aos colegas, volume de poesia; mostra também certo desinteresse de *Sul* na republicação. Foram poucas no periódico, o caso de Cabral é exemplo ao não tomarem poema algum do compilado. Em *Sul*, valoriza-se o ineditismo. Cabral não é o único que, já tendo publicado na revista, envia livros à Caixa Postal nº 384. É também o caso de Lina Tâmega Peixoto, que publicara em *Sul-6* (dezembro de 1948) e novamente em *Sul-21* (dezembro de 1953), volume que lista *Algum Dia*, poemas publicados por Hipocampo Editora, do Rio de Janeiro.

Outra situação sobre a recepção de produção nacional é o caso de Edison Carneiro, intelectual que participara do IV Congresso, em Porto Alegre. À época, publicou-se no dossiê comentário seu sobre o evento. Em *Sul-27*

(maio de 1956), encontramos seu livro *Pesquisa em Folclore*, editado pela Comissão Nacional de Folclore (Rio de Janeiro), em 1955, na *Recebemos e Agradecemos*. Isso mostra como as relações estabelecidas nos congressos aos quais *Sul* compareceu prosseguiram, construindo rede de trocas e amizade intelectual, o que se repete em outros volumes.

Dedicatória mais afetiva é a de Hernani Donato em *Os contos muito humanos* (Letras da Província, São Paulo, 1949): “Ao meu caro Salim Miguel, amizade que muito estimo” (*Sul*-11, maio de 1950), tom que se repete na dedicatória de *Ulisses – Entre o amor e a morte*, de O. G. Rêgo de Carvalho, publicado pela Edição do Caderno de Letras Meridiano, Teresina, 1953: “Ao Salim Miguel, homenagem, admiração e abraços do O. G.” (*Sul*-20, agosto de 1953). O tema volta em outras obras, como *O Soldado de Ronda*, de Aluísio Furtado de Mendonça (Natal, Rio Grande do Norte, 1953): “Para Salim, que considero uma das figuras mais expressivas da ficção nova brasileira”, assim como na de Afonso Schmidt, em *Bom tempo* (Clube do Livro, São Paulo, 1956): “Ao Salim Miguel, autor do romance ‘Rêde’, que me embalou, oferece Afonso Schmidt”. Sua dedicatória mostra um novo movimento – a recepção das obras editadas por *Sul* em outras cidades: *Rêde*, romance de estreia de Salim publicado em 1955, circula longe de Florianópolis. Sua mensagem começa a apontar um diálogo epistolar entre grupos de autores novos que tem expressão máxima na dedicatória de Colombo de Sousa em *Fuga* (publicado em Curitiba em 1948; listado em *Sul*-6, dezembro de 1948): “Para Salim Miguel, o crítico que faltava à minha geração, a humildade deste livrinho”. Sua dedicatória é exagerada, Salim ainda não havia publicado livro algum, *Sul* estava em sua sexta edição. Embora já atuasse na crítica, não poderia ser o representante antes faltante de uma geração. A categoria geração, porém, importa para

pensarmos no movimento que então se dava no Brasil.

As dedicatórias sugerem algumas conclusões. A primeira refere à autoria. *Sul*, ao não republicar textos, prezava pelo ineditismo, não se constituindo em periódico de reprodução, senão espaço de estreia de uma geração, tópico comungado por outras revistas. Nos livros dessas novas editoras, encontramos apenas uma tradução, a de Darcy Damasceno a *O Cemitério Marinho*, de Paul Valéry, editado pela Revista *Orfeu* (Rio de Janeiro, 1949). As revistas dos novos, mais do que reproduzir ou traduzir, se propunham a ser o espaço de lançamento de uma literatura inédita. Segundo, certa articulação de uma vida intelectual que circula pelas periferias, tanto pela troca de livros quanto pela de textos a serem publicados em obras coletivas, como os periódicos. Terceiro, a constituição de uma vida editorial local. A questão soa estranha ao contemporâneo, mas se *Sul* criou editora para si, uma olhada à *Recebemos e Agradecemos* mostra a grande quantidade de congêneres por grupos de novos, em sua maioria vinculados a revistas modernistas periféricas. Tentemos construir um esquema mais ou menos geral: cidades em *boom* modernizador – fundação de revistas literárias – espaço de publicação autoral – produção de selos editoriais para textos mais amplos – circulação epistolar com outros grupos de novos.

Pelo menos uma esfera da questão foi discutida por Miguel Sanches Neto (1998) ao analisar a revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan, como espaço de estreia do escritor. Sanches Neto percebe como nas páginas do periódico Trevisan começou a elaborar uma estética que depois ganhará forma mais definitiva em seus livros. Em um espaço coletivo e reduzido, podia experimentar e ir constituindo as condições para obra maior – especialmente Trevisan, que se dedica ao conto curto, o que publicou na revista poderia ser tomado como

a forma que veio a resultar em sua estética. A questão também vale para Salim, para o qual o conto, gênero que mais recebeu sua dedicação nos anos de *Sul*, é característica importante na composição da obra romanesca, muitas vezes composta pela história curta, *Mare Nostrum* (2004) sendo o caso mais acentuado.

Entre as diferenças de *Joaquim* para com *Sul*, estão o mecenato privado da primeira, patrocinada pela família de Trevisan, duração de apenas dois anos, o comparecimento de intelectuais consolidados. Mas se voltarmos às características gerais da circulação de *Sul*, por meio da coluna Recebemos e Agradecemos, veremos como as revistas literárias como lugar de experimentação estética na qual escritores irão fundar suas preocupações são comuns a um sem-fim de autores periféricos do momento. Estas são algumas das editoras que chegaram à Caixa Postal nº 384: Edição da *Revista Joaquim*, de Curitiba; Edição da *Revista Orfeu*, do Rio de Janeiro; Edição da *Revista Meia Pataca*, de Cataguases; Edição da *Revista Clã*, de Fortaleza; Edição da *Revista Branca*, do Rio de Janeiro; Imprensa Oficial de Maceió; Casa Ramalho Editora, de Maceió; *Caderno da Bahia*; *Edições Oasis*, Rio de Janeiro; *Edição do Norte*, de Belém; *Edição Revista de Letras*, do Rio Grande do Norte; Edição do *Clube de Poesia de São Paulo*; Edição da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Recife; *Editora Arte* no Rio Grande do Sul; Edição da Escola Industrial de Aracajú; Edição do *Caderno de Letras Meridiano*, de Teresina; *Edição Santelmo* da *Revista Vocação*, de Belo Horizonte; Editora da Livraria Ruy Barbosa, de Cuiabá; Editora do *Movimento Cultural de Sergipe*; Edição da *Revista Encontro*, de Recife; Edição *Guararapes*, de Recife; Edição *Estuário*, de Salvador; *Livros do Maranhão*; *Edições Igrejinha*, de Cuiabá; *Cadernos do Extremo Sul*, de Alegrete; Edição da *Revista Quixote*, de Porto Alegre; *Edição Complemento*, de Belo Horizonte.

Parece legítimo questionarmos sobre o que isso diz da construção do mercado editorial no Brasil e de sua relação com a estética modernista. Segundo Dimitri Pinheiro e Alexandre Bergamo (2018, p. 108-112),

A expansão da produção, circulação e consumo de bens simbólicos verificada no período entre 1964 e 1980 só era plenamente explicada quando considerados a acentuada centralização do poder no nível federal e os pesados investimentos estatais num setor tomado como chave à chamada estratégia de segurança nacional. Desse modo, a consolidação de grandes conglomerados privados de comunicação teve como condição a montagem custeada pelo regime militar de toda a infraestrutura tecnológica necessária à instauração de um sistema nacional de telecomunicação. [...]

Correndo o risco de forçar demais a nota, assim como as pesquisas sobre a vida intelectual e artística entre os anos de 1920 e 1945 tornaram impensável desconsiderar a interveniência estruturante do poder político, a recíproca se tornou plausível para o período que se inicia em 1964. Só que aqui, ao lado de um Estado que passou progressivamente a oferecer as condições artificiais de funcionamento autônomo aos diversos domínios da cultura legítima, comparece também o dinamismo de uma indústria cultural efetivamente operante capaz de tracionar sob as mais diferentes formas todo o sistema de produção cultural.

Embora o argumento refira-se ao “elo perdido” entre cultura e sociedade nas pesquisas sobre o que chamam de indústria cultural (não se trata da formulação de Adorno e Horkheimer [1985]), os autores mostram como foi durante a ditadura civil-militar, sob apoio do Estado de exceção às iniciativas midiáticas privadas, que se acentuou a centralização dos meios de comunicação. Embora se refiram à televisão, ao rádio e ao jornal, a hipótese pode ser ampliada ao mercado editorial. Não é incomum encontramos em obras do momento edições apoiadas pelo Estado para impressão em

maior tiragem. É o caso do livro de Maria Lúcia Lepecki (1976) sobre Autran Dourado: “Este preço [Cr\$ 26,00] só se tornou possível devido à participação do Instituto Nacional do Livro [MEC], que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial”. Vejamos algo sobre a editoração nacional.

Gustavo Sorá (2010) analisa José Olympio como responsável pela consolidação do mercado editorial nacional. Ao refletir sobre a geração modernista de 1922, em São Paulo, mostra como as obras saíam por selos diversos, sem dependência direta a uma casa, com baixa tiragem – geralmente não ultrapassando mil exemplares – e circulação restrita ao público paulista. A situação muda com a geração de 1930. Embora a maioria dos autores fosse do Nordeste, era no Rio de Janeiro que seus livros eram publicados, em tiragens altas que circulavam pelo país. Foi pela geração de 1930 que se deu a consolidação de José Olympio como editor, mas se ele estava sediado no Rio de Janeiro, é curioso como também os autores de 1930 mudaram-se para a Guanabara: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Jorge Amado; a geração de 1930 é marcada por um deslocamento geográfico dos autores ao centro. A grande exceção deve ser Érico Veríssimo, com trajetória outra: gaúcho, publicava em Porto Alegre pela Editora do Globo (BERTASO, 2012), e sua pergunta literária, embora regional, talvez se aproxime mais do romance histórico.

Algo curioso na geração de 1930 é esse trânsito ao Rio de Janeiro. Embora Sorá (2010) aponte a existência de grupos intelectuais nas capitais nordestinas nos anos 1920, precisavam se deslocar a então Capital Federal, ainda que produzindo estética que tem como pano de fundo o cenário local. O que a situação indicia é a inexistência de suporte nas cidades de origem, sendo as editoras cariocas funda-

mentais para que suas obras fossem editadas e circulassem. A essa geração o centro era o lugar de legitimação.

O centro, já mostrou Carlo Ginzburg (1989), não deve ser medido apenas por critério estético, mas também por suas instituições, que congregam artistas e consumidores, investimento financeiro e mecanismos de tutela, formação de público, promoção e distribuição de obras. Nesse sentido, antes que lugar de validação do componente estético, é o de possibilidades materiais para a execução de determinados empreendimentos. No momento histórico ao qual nos dedicamos, porém, a relação entre centro e periferia parece ainda não estar consolidada no país, em seu lugar vivia-se um interregno entre a política de Vargas, de expansão e modernização, e a centralização do campo artístico entre São Paulo e Rio de Janeiro durante a ditadura civil-militar. Se a política nacional desenvolvimentista de Vargas esteve preocupada com a ampliação de uma ideia de nação, construindo polos regionais industrializados e integrados a um discurso nacional, uma das conseqüências foi a emergência de estrutura estatal mais consolidada, além da implosão de uma experiência urbana, marcada por novas sensibilidades. Ou seja, há toda uma nova experiência à qual os sujeitos estão submetidos na cidade moderna, decorrência da estrutura urbana que se instaura. São justamente essas experiências que estão amalgamadas na literatura dos jovens de *Sul*.

Mas há também outra conseqüência que responde às experiências editoriais. Com a ampliação de uma ideia de Estado, está a construção de uma estrutura que se preocupa com veículos diversos, sendo a imprensa um deles. Era na Imprensa Oficial em que *Sul* ganhava forma (MIGUEL; MALHEIROS, 2002), mesmo meio pelo qual foram impressas suas séries editoriais. Ou seja, se o regionalismo de 1930 ainda dependia do centro, a industrializa-

ção que marca a política de Vargas se preocupa com uma ideia ampla de Brasil, o que resulta na possibilidade de uma nova vida editorial que só veio a ser centralizada com o apoio do Estado às instituições midiáticas durante a ditadura civil-militar. O interregno democrático no qual a experiência de *Sul* se situa é resultado da política desenvolvimentista de Vargas antes que a ditadura civil-militar centralizasse o mercado cultural no país. Nesse sentido, os selos editoriais de revistas de novos, mais do que uma exceção, são expressão de possibilidades nacionais que se realizaram tanto em Florianópolis como em outros estados da Federação.

Esta vida editorial afastada do centro se constitui, pelo menos no caso de *Sul*, sem grande estrutura técnica, como editores, diagramadores, revisores – aquela “mente” que se expressa por detrás das mãos do autor (CHARTIER, 2014). A experiência de *Sul* aponta a um estágio de desenvolvimento intermediário, no qual há uma estrutura que possibilita sua impressão local, sua legitimação por outros meios – o epistolar –, embora não forme um campo artístico, guarda um trabalho algo artesanal nos impressos, e o faz afastada das grandes instituições, expressando um momento da história nacional que possibilita a consolidação de uma estrutura editorial afastada dos grandes centros.

Isso resulta em consequências estéticas importantes. *Sul*, sem adentrar o centro para a sua publicação, tampouco empreende o intento – por definição fracassado – de normatividade estilística. Se partirmos à noção de Scarso, encontramos um laivo do sujeito naquilo que produz. É o que demonstra Ginzburg (1989) ao pensar na estética de Giotto e seu lugar hegemônico na Escola Florentina nas primeiras décadas do século XIV, lembrando-se da existência de um movimento, após sua morte, de retomada de motivos estéticos do século XIII;

na análise este retorno não seria atraso:

Trata-se de um episódio de ‘resistência a Giotto’ por parte de um grupo de pintores que, retendo embora certos aspectos fundamentais da lição de Giotto, não só não pretendem renunciar à pesquisa expressiva dos fins do século XIII mas até afirmam a sua actualidade. É, portanto, claro que não se trata de atraso ou de apego a um modelo ultrapassado mas de uma proposta alternativa que pretende mostrar que desenvolvimentos se podem obter a partir de certas premissas cuja fecundidade se prevê. (GINZBURG, 1989, p. 61-62)

Assim, o autor rompe com o nexo centro-periferia como noção imutável e estável de produção-reprodução, inovação-atraso, tomando a configuração em movimento. Não se trata de apresentar Florianópolis como grande centro estético, mas em romper com a noção de periferia como atraso. Enquanto há um florescimento de uma nova vida do espírito na cidade, marcada pela modernização acentuada, a literatura de *Sul* amalgama em termos estéticos esse processo de modernização, expressando, pela integridade do regional, um movimento de ordem nacional; em termos editoriais, questiona o centro como único lugar de produção/legitimação de obras.

Sul, uma revista brasileira

Se as dedicatórias nos impressos encaminhados à Caixa Postal nº 384 marcam o processo de constituição de uma geração de escritores periféricos, há na biblioteca de Salim e Eglê outro tipo de documento dirigido ao endereço, e seus exemplares estão reunidos em uma pasta composta por 173 cartas esparsas que mostram algo do ritmo de circulação de *Sul* pelo país. À luz de Max Weber (2004), tentemos construir três tipos ideais do movimento.

O primeiro trata de uma série de missivas com contribuições originais enviadas à *Sul*, para publicação. É o caso de Gonçalves da Cos-

ta, de Tarumirim (Minas Gerais), que, tendo publicado “Ouve, Poesia” em *Sul-12* (outubro de 1950), envia 30 cruzeiros para a renovação da assinatura, além de um poema, “Viagem”, publicado em *Sul-15* (março de 1952). Na correspondência, observamos um duplo movimento: assinaturas anuais e envio de contribuições, trânsito que se evidencia em cartas de outros mineiros. José Afrânio Moura Duarte, de Alvinópolis, publicara em *Sul-15* e manda novo conto, que aparece em *Sul-19*. Sua mensagem é dirigida a Walmor Cardoso da Silva, o que reforça a trama de afinidades eletivas nessas aproximações, respondendo antes interesses pessoais do que correspondendo a grupos coesos – o ponto de convergência de *Sul* estava mais na oposição à cena intelectual fechada da cidade do que em uma unidade estética. Wender Costa, de Muriaé (Minas Gerais), destina carta à redação:

É com viva satisfação que tenho recebido, trimestralmente, esse grande periódico literário, através do qual me coloquei em contato com as atividades culturais do sul do país.

Não lhes podendo enviar, todavia, qualquer de nossas revistas, para estabelecer a permuta sugerida, de vez que Vv. Ss. já recebem, pelo que observei, todas as que se editam neste Estado [Minas Gerais], tomo a liberdade de lhes remeter em selos o valor correspondente a uma assinatura anual de ‘SUL’. É que, conhecendo as dificuldades com que lutam os órgãos literários em nosso país, não posso permitir que continuem me enviando gratuitamente os números de ‘SUL’.

COLABORAÇÃO ESPONTÂNEA:

Anexo, estou também lhes encaminhando o conto ‘A FACA’, da minha autoria, ainda inédito. [...]

O conto de Wender Costa não foi publicado, mas a carta expõe algo. A primeira questão se refere às condições financeiras do periódico. Longe de procurar lucro, *Sul* estabelecia rela-

ção de permuta, trocando com impressos de outras cidades, aceitando como contrapartida publicações novas e regionais que fundaram bibliotecas pessoais. Mostra também os diversos periódicos mineiros que *Sul* recebia, o que impossibilitava a permuta de impressos – isso fala da data de 10 de novembro de 1954, quando *Sul* já se encontrava estabelecida. O último elemento está na comparação entre a missiva de Wender Costa e a de José Afrânio Moura Duarte. Enquanto a segunda era endereçada a Walmor Cardoso da Silva, a primeira era destinada à redação de *Sul*. Parece que a partir da primeira publicação de José Afrânio Duarte foi-se firmando uma relação personalizada, diferentemente da nova que Wender Costa busca estabelecer.

Wender Costa não foi o único a ter contribuição recusada. Uma hipótese seria a constituição de rede de amizades fixas excludente em relação aos demais, o que a missiva de Ruy Apocalypse adverte que não seria prudente:

Sendo um antigo leitor de ‘SUL’, senti a vontade de colaborar em suas colunas; antes de tudo, desejo deixar claro aos senhores, que nunca colaborei para revista nenhuma, por achar, infelizmente, que não serei atendido, pois sou ateu e não frequento ‘igrejinhas’.

A carta, de agosto de 1952, se refere às “igrejinhas” às quais não gostaria de se submeter. Em anexo, encontramos os poemas “Rosaura” e “Poesia”. Nenhum foi publicado, o que não impediu que anos depois contribuísse com “Conversa com Paulo Dantas” (*Sul-26*, fevereiro de 1956) e com “O Cão e a Rosa” (*Sul-30*, dezembro de 1957).

Nas correspondências, encontramos o envio direto de textos por seus autores. Em outra missiva de José Afrânio Moura Duarte, porém, há menção ao envio de conto de Raul de Carvalho, principiante de Alvinópolis (Minas Gerais), o que se repete naquela enviada por Elio L. França, diretor de *Mocidade*, de Maceió, em

8 de maio de 1954, na qual comenta a “agradável surpresa” em conhecer *Sul* e envia contribuições dos novos de lá à apreciação. As mensagens mostram o envio de textos de novos autores por aqueles que já dialogavam com o periódico.

Outro tipo ideal é a série de pedidos de assinatura da revista. Elas indicam aonde *Sul* chega, desde o envio compulsório à Biblioteca Nacional, no Rio, até cidades do interior de Minas. Sem nos alongarmos, há uma questão destacável: em diversas cartas, lemos pedidos ou agradecimentos pelo recebimento de *Sul* em bibliotecas. Se muitas das relações ganhavam tom pessoal, formando amizade, o impresso não se restringia a conhecidos que a liam. Em instituições destinadas ao empréstimo de volumes, supõe-se uma recepção ampliada.

Mais do que listar essas bibliotecas, pensemos nas articulações características do terceiro tipo delas: as formas pelas quais *Sul* passa a ser acessada. Em carta do Conservatório de Música de Pelotas, de 5 de maio de 1954, Ignez Dias da Costa Vidal escreve: “por intermédio da Folha da Manhã de São Paulo, e também, pela Biblioteca Pública Pelotense, viemos ao conhecimento da revista intitulada ‘Sul’”, solicitando o envio à biblioteca do Conservatório. Conhecendo-a por outros impressos, solicita o envio à instituição, o que se repete em outras cartas, destaque à de Edie Augusto da Silva, de 29 de novembro de 1953, de São Paulo: “gostaria de ficar conhecendo essa revista, à qual tenho visto referências nas páginas literárias dos jornais paulistanos”. Ambas mostram a recepção de *Sul* fora de Florianópolis e a projeção nacional por ela alcançada. Em outras revistas de novos e em páginas culturais de jornais, com críticas ou demais referências, *Sul* assume na cena literária brasileira um espaço de recepção que faz com que não se limite à circulação regional, mas se projete em território nacional. Vejamos uma última carta, de Flá-

vio ///, de Marília (São Paulo), de 7 de janeiro de 1952:

Peço-lhes endereçar esta carta a ‘Revista Oasis’ dessa capital. Será um favor que ficarei devendo aos senhores. Este envelope fechado, foi-me mandado por um amigo de Sergipe que, de lá, não conseguia ver chegar ao destinatário esta carta. Caso essa revista haja declinado, queiram informar-me para o endereço do envelope que leva este bilhete e a carta.

Na coluna Recebemos e Agradecemos, encontramos impressos da Edição *Oasis*, do Rio de Janeiro. *Oasis*, em sistema semelhante ao de *Sul*, faz parte da articulação intelectual que se organiza de forma epistolar. É o que mostra o percurso do envelope – que não está nos documentos de *Sul*, tendo sido enviado à revista carioca –, saindo de Sergipe, passando por Marília, Florianópolis e chegando ao destino final, Rio de Janeiro. A correspondência mostra uma vasta trama intelectual capilarizada nacionalmente.

Ao ler Ginzburg (1989) sobre a pintura italiana, seria possível pensar em um processo geográfico de periferização de obras e artistas. No contexto dos impressos, a discussão toma outro caminho. Como mostra Benjamin (2017), se a pintura carregava um componente aurático ligado ao valor de culto, no qual existiria necessariamente um original e uma cópia, isso não serve para a arte sob a reprodutibilidade técnica, no interior da qual o autor destaca o cinema, a fotografia, a imprensa (os livros e periódicos na reprodutibilidade técnica diferem daqueles produzidos artesanalmente e dedicados aos mecenas, estudados por Chartier [2003]). Perde-se o caráter de uma originalidade, visto que a forma de produção da obra se dá na reprodutibilidade, o que rompe com o estatuto de cópia. Assim, seguindo Benjamin (2018), o romance como gênero literário sempre existiu. Na modernidade, porém, é quando encontra sua possi-

bilidade técnica, pela impressa, e sua possibilidade de apreciação individual, pela construção de uma esfera do sujeito que se afasta das narrativas épicas que respondem a uma ideia de comunidade. Desse modo, o processo de periferação geográfica das obras de arte não responde à materialidade dos impressos na reprodutibilidade técnica, já que no que se refere ao objeto livro não se vê a exigência de presença física do artista à concepção, como seria no caso das pinturas – de igrejas, por exemplo – estudadas por Ginzburg. Nesse sentido, pensamos a articulação epistolar da qual *Sul* participa como um lugar de legitimação estética que não passa necessariamente pelo centro e suas instituições, constituindo, inclusive, uma geração que rompe com uma noção de pertencimento geográfico que já estava exposta na dedicatória de Colombo de Sousa.

Voltando à *Sul*, percebemos que se trata de uma revista que fala de si. Anuncia o conteúdo de seus próximos números, os livros lançados por suas séries editoriais, seu empreendimento no teatro, as viagens aos encontros de intelectuais. Em dado momento, porém, muda-se o tom desses anúncios, passando a abranger cena mais ampla, nacional, especialmente em algumas colunas como a Notas e Comentários. Sem condições de reconstituí-la, reparamos como ganha tom de divulgação de uma vida intelectual que extrapola Florianópolis. Em *Sul-19* (maio de 1953), encontramos o cartaz do 1º Festival de Arte e Música de Bento Gonçalves (Rio Grande do Sul), além das “Notícias da Paraíba”, com informações sobre o cenário cultural local, acompanhada do ensaio “Da definição de conto”, de Geraldo Sobral, de João Pessoa. No número seguinte, *Sul-20* (agosto de 1953), a seção “Notícias do Rio Grande do Norte”, assinada por Aluizio Furtado de Mendonça. Em *Sul-23* (dezembro de 1954), divulgação do Prêmio Mário de Andrade, outorgado por

Carmen Dolores Barbosa; em *Sul-24* (maio de 1955), um aviso sobre o 1º Congresso Nacional de Trovadores, em Salvador; em *Sul-27* (maio de 1956), divulgação do 1º Congresso Brasileiro de Contistas, em São Paulo; em *Sul-29* (junho de 1957), “Notícias Literárias do Piauí”, por Fontes Ibiapina.

Esses são exemplos que sustentam a hipótese de *Sul*, revista florianopolitana, como impresso brasileiro; ela deixa de ser espaço de oposição à vida intelectual local e se constitui como veículo de encontro da geração dos novos que tem ramificações em todo o território nacional. A recepção de *Sul* em outras cidades do país faz com que se converta em meio de divulgação no qual leitores dessas cidades encontram possibilidades editoriais e estéticas. Isso possibilita afirmar algo sobre as dimensões assumidas pela revista fora de Florianópolis. Embora a cidade não se constitua como centro artístico, ela passa a circular mais fora do que dentro, e, enquanto tal, não apenas publica escritores externos, mas se mostra atual para aqueles que a acompanham em outras cidades do país. *Sul* rompe com uma geografia que a liga a Florianópolis e passa a ser atual para a leitura em lugares diversos da Federação, deixando de ser empreendimento regional e se colocando como espaço de divulgação dessa geração dos novos que floresce no Brasil em meados do século XX.

Um escritor legítimo

Como a *Sul*, também os livros editados circulavam pelo país. Na biblioteca de Salim e Eglê, encontramos pastas de recortes com comentários críticos sobre as obras de Salim publicadas pelas *Edições Sul*, *Velhice e outros contos* ([1951] 1981), *Alguma gente: histórias* (1953) e o romance *Rêde* (1955). Vejamos algo das críticas e de como se constitui o processo de legitimação de Salim como escritor.

A crítica publicada em *Semana Nacional* (08/01/1952), assinada por R. B. Correia (Ruy Brand Correia, representante de *Sul* em São Paulo), faz avaliação crítica de *Velhice e outros contos*, apontando como Salim constrói soluções atraentes para histórias antigas. Destaca os contos “Carnaval; Casos de Esperidião” e “Alvina, essa minha noiva”, embora considere que o autor opte por soluções fáceis, com conclusões “pouco estudadas”. Mas interessa principalmente a introdução do comentário:

A vida literária e artística catarinense destes últimos anos revela forte reação do pouco até então ali produzido e rebelando-se contra o marasmo intelectual em que se encontrava, surgem novos valores e com eles novas empresas.

A revista ‘SUL’ (já no seu 4º ano de existência) congregando em sua volta o que há de mais honesto, autêntico e representativo da cultura local: o Teatro Experimental (foi o primeiro a representar Sartre no Brasil) e considerado um dos melhores conjuntos de amadores pela palavra autorizada de Pascoal Carlos Magno; o Clube de Cinema programando filmes que dificilmente chegariam a província longínqua e agora com o lançamento de cadernos e livros dos seus poetas e ficcionistas da corrente modernista, Florianópolis aparece no cenário artístico e literário brasileiro como um dos centros em que – relativamente – mais se trabalha pela cultura nacional ainda que fechado ‘num recinto de bugres e burgueses’ como diria o polemista Fausto Cunha. Em certa época essa movimentação chegou até mesmo a contagiar os homens do governo, que momentaneamente empolgados, criaram com o estardalhaço publicitário de costume, o Museu de Arte Moderna, primeiro e único do Brasil em caráter oficial. Mas onde entre o Estado... sempre há um ‘mas...’ que não convém ser agora salientado, por ser outra a finalidade destas linhas.

Ele apresenta o *Grupo Sul* ao público paulista, não apenas a ação modernista dos jovens, mas também as pelejas com a política local e certo aval da crítica nacional – referência o consolidado Pascoal Carlos Magno e

o novo Fausto Cunha (*Revista Branca*). O tom beira o oficial, o que fala da crítica assinada pelo representante de *Sul* divulgando os livros por ela publicados onde a representa. Mesmo que com críticas na segunda parte do texto, destaca-se o tom de apresentação da obra florianopolitana ao público paulista.

Pensar em *Sul* como um grupo de intelectuais que expressa uma cidade foi também a preocupação de José Roberto do Amaral Lapa no Diário do Povo, de Campinas, em 11 de novembro de 1951:

De Florianópolis Estado de Santa Catarina, o escritor Salim Miguel envia-nos sua coletânea de contos: ‘Velhice’ e outros contos. Constitui este exemplar, o primeiro lançamento ‘Sul’, da série de edições já programadas para aparecerem no futuro. Essas edições já lançaram também em seus ‘cadernos’, o livro de poemas ‘Idade 21’, de Walmor Cardoso da Silva.

Nós temos contacto com o entusiasta ‘grupo intelectual’ da Revista ‘Sul’ desde há muito, e este livro, que Salim Miguel vem oferecer-nos, leva-nos, agora com aprazimento, a admirarmos a energia dos jovens de Santa Catarina, que marcam de modo expressivo a sua presença em Florianópolis, através do Círculo de Arte Moderna daquela cidade, o qual procura dobrar todos os cânones do ‘academismo’ e das antigas diretrizes intelectuais.

A frase final aponta o lugar de ruptura do Grupo Sul com a cena intelectual florianopolitana, tema ao qual já se dedicou análise (KREMER; VAZ, 2018) e que foge do escopo deste texto. O tom se repetirá no comentário do autor sobre *A Ponte*, obra póstuma de Antonio Paladino (1952), outro membro de *Sul*. A forma máxima da questão aparece nas páginas da *Revista Clã*, de Fortaleza, em crítica de Fran Martins, escritor vinculado àquele periódico: “O que mais chama atenção nesse livro de Salim Miguel, um ‘novo’ de Santa Catarina, integrante do inteligente grupo da revista SUL, é o estilo”. Da crítica de Fran Martins, mais preo-

cupada com questão propriamente literária, concluímos algo. Se nos demais comentários parece coerente a apresentação do empreendimento de *Sul* a uma comunidade leitora ampla, de jornal, nas páginas da congênere *Clã* a apresentação da revista florianopolitana não é necessária, podendo, ali, partir à análise da obra. *Clã* não é um jornal de circulação irrestrita, senão outra revista de novos, àqueles ao qual Fran Martins se refere. Não é necessário que *Sul* seja apresentada aos leitores de *Clã*, pois ambas se mostram expressão de uma mesma geração, têm público mais ou menos compartilhado. E Salim, ou *Sul*, não são os únicos conhecidos: “O livro do sr. Salim Miguel possui, assim, esse grande mérito de ser um livro diferente. É uma obra que, como os contos de Dalton Trevisan, está fada a ocupar lugar de destaque na moderna literatura brasileira”. Também Trevisan, da revista *Joaquim*, de Curitiba, é autor conhecido aos leitores de *Clã*.

O tema de uma vida intelectual periférica que se conhece se repetirá nas críticas a outros livros de Salim. Focaremos apenas em três documentos que expõem novas questões. O primeiro é o texto de Arnaldo Brandão na coluna *Livros*, de *O Cooperador*, Rio de Janeiro (setembro de 1956). Ele faz apanhando da literatura catarinense destacando as *Edições Sul: Rêde*, de Salim Miguel (1955) e *Piã*, de Guido Wilmar Sassi (1953). Sem insistir na chave dos novos, situa as obras dentro de uma geração, tema dos comentários seguintes.

Na coluna de Wilson Martins, *Mais Ficcionistas*, no *Estado de São Paulo*, de 26 de abril de 1956, encontramos apanhado crítico de livros publicados em 1955. Na seção “Três estréias auspiciosas”, referencia romances de Albertino Moreira, José de Barros Pinto e Salim Miguel; dois livros intermediários, de Helena S. de Castro Azevedo e de Osman Lins; e alguns considerados inexpressivos no conjunto da obra dos autores Breno Accioly, Nobrega de

Siqueira, Ivan Pedro de Martins, Autran Dourado e José Condé, finalizando com um romance “que progride”, de Ondina Ferreira.

A referência a Salim mostra como já nas primeiras obras é inserido dentro de uma crítica preocupada com a estética nacional. É posto ao lado de Autran Dourado e Osman Lins, nomes que chegariam entre os mais consolidados no final do século XX, assim como ele mesmo. A passagem mostra o lugar legítimo no qual a estética de *Sul* assume na cena intelectual nacional; sua consequência máxima está no comentário de Tristão de Ataíde, “O Conto no Brasil V: o conto neo-modernista”. Sua preocupação é delinear nova estética nacional a partir de *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Propõe estudo da vertente ao longo de uma década, 1946-1956, listando “autores e títulos que vieram a tornar a messe neo-modernista de contos a mais abundante de toda a nossa história literária”:

1946: *Sagarana* – Guimarães Rosa; *Histórias incompletas* – Graciliano Ramos; *A Professora Hilda/O Anfiteatro* – Lúcio Cardoso; *Doze histórias curtas* – Xavier Placer; *A face iluminada* – Eduardo Campos; *Noite Feliz* – Fran Martins; *Contos* – Menotti de Pichia

1947: *Insônia* – Graciliano Ramos; *Horizontes Noturnos* – Almeida Fischer; *Contos novos* – Mário de Andrade

1948: *Contos a esmo* – Helena Silveira

1949: *O cacto vermelho* – Lygia Fagundes Telles; *Cogumelos* – Breno Accioly; *Segredos da infância* – Augusto Meyer; *O retrato de Valentina* – Afonso Schmidt

1950: *As noites no morro do encantado* – Diná Silveira de Queirós; *O Urubu* – Francisco Brasileiro; *O Homem de duas cabeças* – Almeida Fischer; *Vesperal com chuva* – Lucia Benedetti

1951: *Contos de Aprendiz* – Carlos Drummond de Andrade; *Queda em ascensão* – Gasparino Damata; *Histórias da cidade morta* – José Condé; *Mural* – Saldanha Coelho

1952: *Alguns Contos* – Clarice Lispector; *A vida real* – Fernando Sabino; *Continhos brasileiros* – Carlos Castelo Branco

1953: *O Pátio* – Saldanha Coelho; *O lado humano* – Otto Lara Resende; *Contos Provincianos* – Mauricio Caminha de Lacerda; *Mulheres, frequentemente...* – Helena Silveira; *Alguma Gente* – Salim Miguel; *Contos da Grã Cidade* – S. Gomes de Matos; *Noite em sete* – Paulo Novais; *A ilha* – Almeida Filho

1954: *Burgo* – Paulo Novais; *Os condenados* – Constantino Paleólogo; *Os sins* – Renard Perez; *Tempo de espera* – Ricardo Ramos; *A vida não é nossa* – Antonio Acioli Neto; *Sangue de Rosaura* – Luís Canabrava

1955: *Maria Pudim* – Breno Acioli; *O Diário de Segismundo* – Carlos Davi; *Decima Praga* – Jones Rocha; *Conto do cotidiano triste* – Assis Brasil; *Quatro histórias* – Mauricio Caminha de Lacerda; *Vida Alegre* – Helcio Alves de Araujo; *Pedrinho Tanoeiro* – Joaquim Gonçalo do Amarante; *Três histórias na praia* – Valdomiro Autran Dourado; *Massagana* – Dilermando Duarte Cox; *O cavalo e a rosa* – Vasconcelos Maia; *O pecado de Maria Quitéria* – Maria Wanderlei Meneses; *O Açude* – F. Magalhães Martins; *O parque de diversões* – Beatriz Rocha; *Do campo e da cidade* – Ivã Pedro Martins; *Fio da meada* – Josué Monteiro; *A sombra do mar/Caminhos da danação* – Gasparino Damata; *Os dias antigos* – José Condé

1956: *Corpo de baile* – Guimarães Rosa; *Contos do imigrante* – Samuel Rawet (grifo nosso).

Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde é considerado por Alfredo Bosi (2006) o grande crítico que emergiu junto ao modernismo brasileiro, tanto em estudos específicos sobre a Semana de 1922, quanto em panorâmicos sobre a literatura brasileira. Foi também um dos responsáveis pelos primeiros comentários sobre existencialismo no país, especialmente em sua vertente cristã, ainda antes das traduções de Sartre (ROMANO, 2002). É provavelmente por causa do existencialismo que o segundo livro de Salim é listado. Os jovens de *Sul* haviam interpretado Sartre em

1948 e a corrente filosófica influenciou contos de Salim, especialmente os de *Alguma gente* (1953). Deixando a questão, olhemos ao que a crítica de Tristão de Ataíde mostra sobre a relação entre centro e periferia.

São três tipos de livros destacados. Os primeiros de autores consagrados, como Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Diná Silveira de Queirós. O segundo, dos novos autores nacionais, hoje conhecidos como geração de 1945: Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso. O terceiro, diversos títulos publicados pelos novos: Eduardo Campos e Fran Martins, da *Revista Clã*, Fortaleza; Almeida Fischer, Breno Acioly, Saldanha Coelho, Samuel Rawet e Vasconcelos Maia, da *Revista Branca*, Rio de Janeiro; assim como Salim Miguel, da *Sul*, Florianópolis. Na crítica, Ataíde coloca como grande nome do conto da década Guimarães Rosa, aquele que havia feito em livros como *Sagarana* “a ligação entre pólos opostos de nossas letras: o regionalismo e a universalidade”. Aponta a ruptura de 1945 com o regionalismo de 1930, buscando pelo particular o universal. Mas Guimarães Rosa é apenas um dos tipos de escritores referidos. Escreve: “se quiséssemos apenas enumerar os livros de contos de *estreadantes*, quase todos, durante a meia década de 50 a 55, equivaleriam quase ao número de livros do gênero publicados na primeira metade do século XX!” (grifo nosso), sendo que, ao referir-se a Lúcio Cardoso, diz: “em Minas, cuja contribuição ao gênero, senão tão abundante como a do Sul e do Norte, é também considerável”. A crônica mostra a eclosão de um novo gênero, o conto, ligado às cidades que viviam com intensidade a emergência do urbano. É sobretudo nas cidades do Sul e do Nordeste onde percebe volume de livros de contos que são, ao mesmo tempo, livros de autores estreadantes.

Ataíde refere-se a autores consolidados, concentrados em espaços legitimados, publicados por selos estabelecidos, n’uma es-

estrutura composta por jornais de divulgação, instituições, mecenato; mas aponta também a geração de novos, autores estreados e, sem afirmar, possibilita entreler algumas características, como o lugar periférico da produção, com selos regionais, mas que chegam também ao crítico estabelecido.

A geração dos novos indica a possibilidade de expressão estética que não se dá de forma necessariamente condicionada pelo centro, tendo nos novos a possibilidade de elaboração que não segue plano normativo da estética hegemônica – isso fica evidente na crítica ao apontar qualidades de Paulo Novaes e Samuel Rawet, reconhecendo que não fazem o mesmo que aquele que, para ele, seria a grande expressão estética do momento, Guimarães Rosa. Longe de uma produção periférica marcada pela repetição, os novos desenvolveram estéticas que respondiam aos problemas locais – urbanização crescente, vida intelectual fechada – e construíram, pelo diálogo epistolar entre periferias, possibilidade de legitimação estética.

Uma imagem da biblioteca

Aos primeiros títulos da biblioteca de Salim e Eglê se somaram aqueles enviados à Caixa Postal nº 384. Guardam, entre suas dedicatórias, certa história da literatura brasileira que se desenvolveu entre as ditaduras que assolaram o país. Mas se a coleção mostra por um lado a circulação de livros e autores na experiência periférica de *Sul*, o acúmulo de recortes e correspondências em pastas que se agrega a essa biblioteca mostra o lugar de legitimação de um escritor. Os dois movimentos não são separados e apontam para a formulação do desejo modernista dos autores.

Uma olhada panorâmica à obra de Salim Miguel mostra certo componente obsessivo em sua literatura: a formulação constante de uma

imagem de Florianópolis, a memória como questão formal, romances que só ganham pleno sentido quando lidos consecutivamente. O próprio movimento de *Sul* parece dar forma às narrativas posteriores, com destaque à novela *Nós* (MIGUEL, 2015), sua última obra, onde reinventa uma série de escritores importantes em seus anos de aprendizado, como Dostoiévski e Allan Poe (citados em *Velhice e outros contos*, de 1951). Mais do que uma legitimação momentânea, o empreendimento de *Sul* figura um lugar ao qual Salim retorna constantemente em sua literatura:

Sempre gostaste não de ler, mas de livros, manuseá-los, cheirá-los, seja o cheiro do livro chegado da gráfica, seja o mofo de um que se encontra há dezenas de anos num cantinho da estante. Daniel e Eduardo, da Livros e Livros, te conheciam, ao entrar iam perguntando, onde estão os livros recém-chegados, pegavas o primeiro, botavas o nariz na capa, no miolo, sentir um tiquinho do cheiro da tinta, também, mais do que nome de autores, os títulos: 'Vidas secas', 'Macunaíma', 'O sabor da fome', 'Samarcanda'. Não bastava, também iam com frequência ao Sebo da Ivete, na Rua João Pinto, chafurdavas por entre aquele amontoado de títulos, em busca dos mais antigos, um 'Canaã', do Graça Aranha, 1902, um 'Mares e campos', do Virgílio Várzea, 1894, a primeira edição de 'Angústia', de Graciliano Ramos, encadernada, não só cheirando a mofo, mas também com páginas comidas pelo cupim, isso te excitava. (Miguel, 2015, p. 27)

Não há, no fragmento, apenas a prática de um bibliófilo em Florianópolis. Nele, vemos a formação de Salim como escritor, passando por romances de Graciliano Ramos e Mário de Andrade, importantes modernistas brasileiros, por Amin Maalouf, também libanês⁴, dentre outros. O mais interessante, contudo, é referência a *O sabor da fome*, compilado de contos de Salim publicado em 2007, com textos escritos na passagem do milênio, além de dois outros

⁴ Salim nasceu no Líbano em 1924 e, aos dois anos, migrou com a família ao Brasil.

originalmente publicados em *Sul*, ainda antes de seu primeiro livro. Salim cita uma de suas últimas obras, mas uma na qual, mais do que “referência” ao tempo de *Sul*, coloca a atualidade do movimento de meados do século. Na passagem algo banal – porque pouco relevante à trama – mas altamente significativa de sua última obra, inscreve-se como escritor brasileiro por meio de um personagem bibliófilo.

É a imagem da biblioteca que se forma. Mais do que arquivar livros lidos, as pastas com cartas e recortes mostram uma experiência de preocupação com a construção subjetiva no campo das Letras, com forte presença no empreendimento modernista de *Sul*. No acervo pessoal, hoje tornado público, encontramos uma história da literatura brasileira, mas também a história daquele que buscava expressão para si. É por isso que não estranha quando o narrador de *Nós*, impossibilitado de chegar ao desfecho da novela policial, passa a consultar os livros da biblioteca em que se encontra, pedindo auxílio aos escritores que lera, buscando, no espaço físico da biblioteca, a possibilidade da resolução do crime. Este, porém, não pode ser resolvido, a novela finda sem a descoberta do assassino. Como se a biblioteca de Salim guardasse o lugar de sua formulação estética, sendo a coleção um espaço de eterno reajustamento ela não pode dar a resposta pois nunca se completa.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. P. 9-47.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias – reflexões sobre a obra de Nikolai Leskow. In: BENJAMIN, Walter. **Linguagem, tradução, literatura** (filosofia,

teoria e crítica). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 139-166.

BERTASO, José Otávio. **A Globo da Rua da Praia**. São Paulo: Globo, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GINZBURG, Carlo. História da arte italiana. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. P. 5-118.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2014.

KREMER, Natan Schmitz; VAZ, Alexandre Fernandez. A Sul e a Branca: literatura dos novos no Brasil pós-1945. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, v. 15, p. 27-44, dezembro de 2018.

LEPECKI, Maria Lúcia. **Autran Dourado**. São Paulo: Quiron, 1976.

MALHEIROS, Eglê. **Manhã**. Florianópolis: Cadernos Sul, 1952.

MIGUEL, Salim. **Velhice e outros contos**. Florianópolis: FCC, 1981.

MIGUEL, Salim. **Alguma gente – histórias**. Florianópolis: Edições Sul, 1953.

MIGUEL, Salim. **Rêde**. Florianópolis: Edições Sul, 1955.

MIGUEL, Salim. **Variações sobre o livro**. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

MIGUEL, Salim. **Eu e as Corruíras: crônicas – não só**. Florianópolis: Insular, 2001.

MIGUEL, Salim; MALHEIROS, Eglê. **Memória de Editor**. Florianópolis: IOESC, 2002.

MIGUEL, Salim. **Mare Nostrum**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MIGUEL, Salim. **O sabor da fome**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MIGUEL, Salim. **Minhas memórias de escritores**. Palhoça: Ed. Unisul, 2008.

MIGUEL, Salim. **Nós**. Florianópolis: EdUFSC, 2015.

PALADINO, Antonio. **A Ponte**. Florianópolis: Edições Sul, 1952.

PINHEIRO, Dimitri; BERGAMO, Alexandre. Indústria cultural no Brasil e o balanço da sociologia: dois pesos, muitas medidas. In: MICELI, Sérgio; MARTINS, Carlos Benedito. **Sociologia brasileira hoje II**. Cotia: Ateliê Editorial, 2018. P. 89-143.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estréia de Dalton Trevisan**. 1998. 448f. Tese (Doutorado em Teoria e História literária) – Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SASSI, Guido Wilmar. **Piá**. Florianópolis: Edições Sul, 1953.

SORA, Gustavo. **Brasilianas** – José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: EdUSP, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 10/04/2021

Natan Schmitz Kremer é mestrando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PP-GSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. E-mail: natan.kremer@gmail.com

Alexandre Fernandez Vaz é doutor em Ciências Humanas e Sociais (Dr.phil.) – Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. E-mail: alexfvaz@uol.com.br